



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

OS AGENTES DA VIOLÊNCIA E SUAS FORMAS DE OPRESSÃO EM MIQUEIAS¹

The agents of violence and their forms of oppression in Micah

Luiz Alexandre Solano Rossi²

Ivanilza Belmiro Erdos³

Resumo: Miqueias pode ser considerado um grande defensor da prática da justiça. Sua mensagem era dirigida especialmente àqueles que se apropriavam indevidamente de casas, campos do povo e oprimia-os. O povo era visto como “carne” que servia de alimento para as autoridades (Mq 3.1-4), e sangue que servia para construir toda a grandeza de Jerusalém (Mq 3.9-11). Para o profeta, essa atitude das autoridades era como uma afronta contra seus semelhantes, uma exploração brutal, tirando-lhes até a pele do corpo, deixando-os despidos e sem forças para reagir. A brutalidade dos poderosos incluía crimes também contra o povo, ou seja, era desprovido completamente de toda a liberdade. Era uma sociedade dividida: de um lado os poderosos proprietários de terras, autoridades civis, militares, juízes, sacerdotes e falsos profetas; do outro lado o povo, vítima de todas essas crueldades.

Palavras-chave: Profetismo. Violência. Pobreza. Opressão. Solidariedade.

Abstract: Micah can be considered a great defender of the practice of justice. His message was directed especially to those who wrongfully appropriated from houses, fields of the people and oppressed them. The people were seen as “meat” that served food to the authorities (Micah 3:1-4), and blood that was used to build all the grandeur of Jerusalem (Micah 3.9 to 11). For the prophet was this attitude of the authorities as an affront to their peers, brutal exploitation, taking them to the body skin, leaving them naked and powerless to react. The brutality of the powerful also included crimes against the people, who was completely devoid of all freedom. It was a divided society: on one side the powerful landowners, civil, military, judges, priests and false prophets; the people on the other side, a victim of all these cruelties.

Keywords: Prophecy. Violence. Poverty. Oppression. Solidarity.

¹ O artigo foi recebido em 11 de março de 2013 e aprovado em 23 de setembro de 2013 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Professor-adjunto no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba/PR, Brasil. Contato: luizalexandrrossi@yahoo.com.br

³ Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba/PR, Brasil. Contato: ivanilza@erdos.com.br

Introdução

As autoridades denunciadas pelo profeta Miqueias vão desde príncipes que abusavam de seu poder a nobres que roubavam os pobres, juizes que aceitavam suborno, profetas que adulavam ricos, e sacerdotes que ensinavam para benefício próprio. A corrupção era devastadora, tanto na política como na economia, e eram abafadas pelos juizes, sacerdotes e profetas. Todos os valores éticos e morais passavam ao largo diante dessas autoridades. Os pobres, diante dessa situação, não possuíam voz nem vez. Os ricos, envolvidos pela ganância, assaltavam os pobres indefesos, não lhes permitindo a defesa. Os tribunais eram comprados por suborno. “O descabro moral atingiu toda a sociedade.”⁴

Conforme Hahn⁵ esclarece, podemos perceber em Miqueias um grupo grande de autoridades que são denunciadas pelas mais variadas formas de violência que praticam contra o povo sofrido e indefeso. São elas: a denúncia em 2.1-5 mostra a cobiça e o roubo de terras e opressão praticados por um grupo de poder; 2.6-11 lembra os falsos profetas; 3.1-4 traz uma acusação contra os chefes e magistrados que não praticam o direito para com aquele que dele necessita; em 3.5-8, o profeta de Javé volta a acusar os profetas que seduzem que desorientam; 3.9-12 traz acusações contra chefes, magistrados, sacerdotes e profetas. Denuncia-se que o direito não é um princípio respeitado; Sião está sendo edificada com sangue! Muitas injustiças se cometem em Jerusalém.

A corrupção era tanta que os cabeças e chefes, enquanto o povo trabalhava duro para conseguir pagar os tributos e impostos, acumulavam cada vez mais riquezas, casa a casa, campo a campo, conforme relato em Is 5.8 que diz: “Ai dos que ajuntam casa a casa, reúnem herdade a herdade, até que não haja mais lugar, e fiquem como únicos moradores no meio da terra!”. Os governantes viviam todo esse luxo à custa de sangue inocente, estavam construindo as cidades mediante roubos e explorações (Jr 22.13; Ez 22.27; Hc 2.12). Os chefes e cabeças de Jerusalém eram vistos como canibais, ou seja, tão selvagens como as feras do campo. Miqueias não fica encantado com o luxo de Jerusalém, e sim indignado com o sofrimento do povo. “O direito do justo era negado. O inocente saía derrotado dos tribunais. Os poderosos corruptos, blindados pela armadura do poder econômico, escapavam ilesos. O poder judiciário estava a serviço de seus nefastos interesses.”⁶

Sicre enfatiza que Miqueias e os demais profetas atacam os grupos que detêm algum tipo de poder político, econômico ou social. Dentre os grupos, os chefes políticos e militares também são alvos, os oficiais do rei, os anciãos, os juizes. Em Oseias, as críticas contra esses grupos dizem respeito à violência e ao sangue derramado por suas ambições e lutas de partido (Os 5.10; 7.3,5,16; 9.15). Em Isaías ocorrem os confrontos mais duros, quando é condenada a política de aliança que fazem com o Egito

⁴ LOPES, Hernandes Dias. *Miqueias: a justiça e a misericórdia de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2010. p. 21.

⁵ HAHN, Noli Bernardo. Redistribuição de terra: uma utopia do viii século ac. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, n. 49, p. 9-15, jan./mar. 1996. p. 10.

⁶ LOPES, 2010, p. 84.

(Is 30.1-5; 31.1-3), e concentram-se também, em Jeremias, duras críticas em diversas situações.⁷ Quem são os agentes de opressão em Miqueias?

Proprietários de terras

O texto de Miqueias 2.1-2 é enfático: “Ai daqueles que, nas suas camas, tentam a iniquidade e maquinam o mal; à luz da alva o praticam, porque está no poder da sua mão! E cobiçam campos, e os arrebatam, e casas, e as tomam; assim fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança”. Os denunciados possuíam de alguma forma “poder” e, com isso, praticavam o mal e a injustiça que foram planejadas de antemão. O crime praticado pelos mesmos era cobiçar campos, casas e tomá-los, à força, dos camponeses, então acumulavam terras e cada vez mais enriqueciam às custas dos camponeses empobrecidos. Zabatiero⁸ nos informa que:

não é possível precisar com exatidão a “classe” social destes denunciados. À luz do que conhecemos da sociedade judaíta, e dos dados teóricos do conceito Modo de Produção Tributário, podemos supor, com razoável segurança, que eram: 1) originalmente, “pequenos” proprietários de terras, como a maioria das famílias em Judá; 2) no decorrer da monarquia, tiveram maior sucesso econômico e conseguiram adquirir influência política considerável; 3) aproveitaram o sucesso e a influência para enfrentar vantajosamente as condições adversas da economia sob o domínio assírio; provavelmente participando do comércio internacional, e manejando somas de “dinheiro” suficientes para realizar empréstimos às famílias camponesas em condições econômicas precárias. Como hipótese, podemos supor que esses acumuladores formavam parte do que, em outros textos pré-exílicos, é chamado de “povo da terra”, um grupo social que apoiava a dinastia davídica.

Os camponeses eram despidos de seus direitos, posses, famílias, em troca de pagamentos de dívidas. Isso acarretava mais acumulação de riquezas nas mãos dos ricos, que exigiam até o que os camponeses não possuíam.

Chefes

De acordo com Maillot e Lelièvre⁹, o “termo hebraico que corresponde a ‘chefe’ significa ‘cabeça’. Trata-se, portanto, de todos os que detêm algum poder, que ocupam postos de direção, que são encarregados de distribuir ou fazer respeitar a justiça”. Estão inclusos reis, ministros, funcionários reais, juízes e sacerdotes.

Zabatiero reforça que Miqueias, ao pronunciar acusação contra os chefes e governantes, inicia com uma pergunta retórica: “Não é obrigação de vocês conhece-

⁷ SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 132-133.

⁸ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Miqueias: voz dos sem-terra*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 53-54.

⁹ MAILLOT, A. & LELIÈVRE, A. *A atualidade de Miquéias*. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 73.

rem o direito?”. A resposta deveria com certeza ser positiva. Concluindo, Zabatiero¹⁰ salienta:

desta forma, o profeta indica que os denunciados não estavam cumprindo corretamente o seu dever nos julgamentos aos quais presidiam. A pergunta retórica tem o efeito de destacar a compreensão normal da função dos juizes em Judá e Israel. Eles eram os responsáveis pelo cumprimento do direito, ou seja, sua obrigação era efetuar julgamentos justos e honestos nos tribunais às portas das cidades.

Segundo Castro Júnior, “o termo chefes reflete o estágio da organização social daquela época”. O termo “chefes” era usado para referir-se a pessoas que cumpriam diversas funções para um determinado grupo em um momento determinado. Essas pessoas eram dotadas de carisma e, com isso, conquistavam e assumiam papéis importantes:

isto ocorre porque um grupo social nos moldes de clãs e tribos não tem uma estratificação social bem definida. O grupo social criava esses papéis ou *roles* na dependência dos carismas destas figuras. Porém, na passagem de Israel para a monarquia, a figura do rei passou a ter maior importância. A forma como a perícopes usa o termo revela que o texto apela para o significado positivo do termo *chefe*, tentando convidar para o passado, um passado mais próximo do sistema tribal. Embora falando para um grupo de autoridades, que, baseadas nas denúncias feitas parecem ter abdicado desse antigo ofício sagrado, o emprego do termo *chefes*, os convida a se inspirarem no significado originário e honrado do termo. Contudo, o termo *chefes* sugere uma organização mais igualitária¹¹.

Sacerdotes

Miqueias 3.11 diz assim: “Os seus chefes dão as sentenças por presentes, e os seus sacerdotes ensinam por interesse, e os seus profetas adivinham por dinheiro; e ainda se encostam ao SENHOR, dizendo: Não está o SENHOR no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá”.

São denunciados os mesmos chefes de Miqueias 3.1-4, e temos aqui alusão a sacerdotes. Essas categorias de denunciados indicam ser de Jerusalém, referência a “seus” chefes, “seus” sacerdotes e “seus” profetas. Com toda a certeza estariam vinculados ao poder estatal monárquico. Segundo Zabatiero¹²: “Os ‘sacerdotes’ são os ‘profissionais’ do sagrado diretamente vinculados ao Templo e aos seus ofícios didático e sacrificial”. Os sacerdotes ensinavam em troca de suborno, quebrando assim suas próprias instruções e, fazendo isso, tornavam-se impuros e indignos de sua função.

¹⁰ ZABATIERO, 1996, p. 67.

¹¹ CASTRO JUNIOR, Vicente D. *Ruína de São e Jerusalém em Miqueias 3,9-12*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Teologia Sistemática) – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora de Assunção. 2008. Disponível em: <http://www.teologiaassuncao.br/cursos/2psgr_teologia/stricto_sensu/teses/Teses_alunos2008/Vicente%20de%20Castro%20Junior.pdf>. Acesso em: 30 set. 2012. p. 68.

¹² ZABATIERO, 1996, p. 78.

Em Israel, o sacerdócio era hereditário e passava de pai para filho. Essa sucessão sacerdotal era mantida em boa parte das famílias. Com o surgimento da monarquia e com a construção do Templo por Salomão, o Estado passa a ter controle sobre a classe sacerdotal. Os sacerdotes passam, portanto, a participar de perto das decisões políticas tomadas pelo governo. Por tomarem parte nessas decisões que muitas vezes subjugavam o povo camponês israelita, os profetas investem em mensagens contra os sacerdotes, atacando-os com palavras duras sobre a conduta dos mesmos em relação ao povo que estava sendo oprimido pelos governantes. Vemos em muitos profetas, como, por exemplo, Oseias, que acusa os sacerdotes de muitas injustiças e violação dos valores do javismo (Os 4.4-10), e são chamados também de assassinos (Os 6.9); Jeremias não deixando passar em branco, acusa-os de colaborar com a injustiça (Jr 8.8-12) e Miqueias chama-os de gananciosos (Mq 3.9-12)¹³.

Sicre¹⁴ enumera alguns conflitos entre profetas e sacerdotes:

confronto futuro de Amós com Amasias (Am) 7,10-17; de Oséias com os sacerdotes do seu tempo, acusando-os de rejeitar o conhecimento de Deus (Os 4,4) e denunciando-os como assassinos (Os 6,9); de Miquéias com seus contemporâneos, por ele denunciado pela sua ambição (Mq 3,11); de Jeremias com Fassur, que mandará açoitá-lo e encarcerá-lo (Jr 20), e com os demais sacerdotes, nos quais só vê desinteresse por Deus (Jr 2,8), abuso de poder (Jr 5,31), fraude (Jr 6,13; 8,18), impiedade (Jr 23,11).

Falsos profetas

Nas palavras de Sicre¹⁵, o grupo de falsos profetas pode ser considerado o setor social mais confrontado pelos profetas. Dentro do Antigo Testamento, dois grupos (profetas e divindades) se distinguem entre si. São eles:

o dos profetas e divindades estrangeiras (como Baal) e o dos que pretendem falar em nome de Javé. O primeiro grupo encontramos-lo especialmente no tempo de Elias (1 Rs 18); para a história do profetismo eles carecem de importância, a não ser pela influência perniciosa que puderam exercer sobre o povo. Mais grave é o caso do segundo grupo, porque fundamentam a sua postura em uma pretensa revelação do Deus verdadeiro.

O que de fato é relevante nos conflitos entre profetas verdadeiros e falsos profetas é o conhecimento dos verdadeiros planos de Javé, pois disso depende a tomada de decisão tanto para o bem como para o mal. Quando o rei toma a decisão, o que está em jogo é a vida da comunidade à sua volta, isso quando ele decide ouvir a voz do verdadeiro profeta que mostra as decisões corretas. Quando a decisão tomada é a acertada, a vida do povo sob a direção do rei, no sentido da ordem social é uma ordem

¹³ SILVA, Airton José. *A voz necessária: encontro com os profetas do século VIII a.C.* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 138.

¹⁴ SICRE, 2008, p. 131.

¹⁵ SICRE, 2008, p. 133.

justa que beneficia a comunidade. Quando as decisões não são corretas, seja em qualquer sentido: político, social, econômico, poderão levar à ruína do país.

Para Lopes¹⁶, o primeiro a mencionar e pregar contra os falsos profetas foi Micaías (1Rs 22). Os falsos profetas não se consideravam como tal, acreditavam que eram homens usados por Deus para transmissão da Palavra. Podemos ver na denúncia de Miqueias várias acusações contra esses profetas e também o julgamento de Deus sobre suas ações. Miqueias destaca dois pecados gravíssimos desses falsos profetas:

Foram falsos quanto ao ensino	Foram mercenários quanto à sua motivação
Assim diz o SENHOR contra os profetas que fazem errar o meu povo. (3.5a)	Que mordem com os seus dentes e clamam: Paz! Mas contra aquele que nada lhes mete na boca preparam guerra. (3.5b)

A intuição de Lopes é a de que essa classe de profetas sustentava os corruptos que estavam no poder. Eram profetas da conveniência. Não possuíam a palavra de Deus, mas suas pregações eram como se fossem verdadeiras, legítimas, vindas diretamente de Deus. Suas mensagens levavam o povo ao erro, eles “lisonjeavam o povo e o estimulava em seus pecados”. A motivação era tão somente para os próprios interesses, faziam de seus ministérios uma fonte de lucros, o dinheiro era o condutor de suas vidas: “Se havia dinheiro entrando no bolso deles, tinham palavras prenes de esperança para o povo. Se o pão lhes era retirado da boca, ameaçavam o povo com guerra santa”¹⁷.

Miqueias aponta três juízos divinos contra os pecados dos falsos profetas:

Eles terão trevas em vez de luz.	Eles terão vergonha em vez de honra.	Eles terão confusão em vez de resposta de Deus.
Portanto, se vos fará noite, para que não haja profecia, e haverá trevas, para que não haja adivinhação, e se porá o sol sobre esses profetas, e o dia sobre eles se enegrecerá. (3.6)	E os videntes se envergonharão. (3.7a)	E os adivinhadores se confundirão, sim, todos eles cobrirão os seus lábios, porque não haverá resposta de Deus. (3.7b)

Aquilo que os profetas fizeram com o povo, cegando-lhes os olhos e a mente, a mesma aflição cairá sobre eles, em lugar da luz terão as trevas. A verdade e a esperança não existiriam no meio deles, suas mensagens ficariam no descrédito e a justiça de

¹⁶ LOPES, 2010, p. 78.

¹⁷ LOPES, 2010, p. 79.

Deus pesaria sobre seus atos, ficariam em completa escuridão e seriam envergonhados e constrangidos, pois suas falsas profecias seriam desmascaradas. “A opulenta Jerusalém seria destruída. Seus ricos magistrados teriam seus tesouros pilhados, as casas destruídas e suas famílias arrastadas como escravos para a Babilônia”. E, por último, ficariam sem a resposta de Deus, “ficariam vivos, mas em espírito enlutado”; buscariam a resposta, porém não a encontrariam mais, seriam reconhecidos como profetas impuros e separados de Deus.¹⁸

Diferenciando Miqueias dos falsos profetas, encontramos em Mq 3.8 “o exemplo confrontador do verdadeiro profeta”. Esse verso relata que Miqueias, cheio do poder do Espírito de Deus, não pregava “movido pela energia da carne”, mas anunciava a Palavra, cheio do poder de Deus. Não tinha interesses próprios, porém seu interesse era fazer a vontade de Deus, o que o diferenciava dos falsos profetas. Miqueias era verdadeiro, corajoso e confrontava os pecados dos governantes sem temê-los. Sua motivação era sua “gibbôr” (força), que significa um “guerreiro com coragem moral”.

Para Zabatiero¹⁹, a leitura sociológica da função desses profetas, no contexto no qual viviam, era que os mesmos desempenhavam o papel de “socializar” a “legitimação ideológica do projeto do Estado”. Profetas e sacerdotes tinham a função de educadores ou, como alguns preferiam, “doutrinadores” do povo, pois cabia a eles a transmissão das tradições teológicas conforme interesse do monarca que estava na liderança do país.

As funções primordiais dos profetas não foram cumpridas, por isso Miqueias levanta várias acusações contra eles. Eles estavam extraviando o povo, enganando-os e desviando-os da verdade, eles eram agentes ideológicos do Estado. O que os falsos profetas faziam era confirmar a riqueza dos ricos e a pobreza dos oprimidos. Justificavam a ganância e o desempenho econômicos dos exploradores e jogavam a culpa sobre os ombros dos explorados.

Magistrados corruptos

Podemos encontrar em Miqueias 3.1-4 a denúncia do profeta contra os magistrados, que eram encarregados da administração da justiça nos tribunais, exerciam funções políticas e funções jurídicas. Ocupavam cargos de poder e tinham como função primordial exercer e respeitar a justiça. Miqueias denuncia os pecados dos quais estavam sendo acusados, e são eles: pecaram contra o conhecimento (3.1); contra o dever (3.1); contra a justiça (3.2a); contra os indefesos (3.2b-3).

Todas as acusações do profeta Miqueias contra os magistrados corruptos seriam punidas, pois os mesmos eram culpados. O mal tinha sido cometido. Quando deveriam ter conclamado a justiça em favor dos necessitados, eles lhes deram as costas, trataram o povo com indiferença e o maltrataram de forma cruel. Por isso o clamor do povo havia chegado até Deus. E Deus não ouviria o clamor dos magistrados cor-

¹⁸ LOPES, 2010, p. 80.

¹⁹ ZABATIERO, 1996, p. 72.

ruptos, Deus permaneceria em silêncio (3.4a); eles gritariam por socorro e não seriam atendidos; Deus os abandonaria (3.4b), esconderia deles a sua face.²⁰

Maillot e Lelièvre²¹ também salientam que Jerusalém crescia e se fortificava, construíam mansões luxuosas para os chefes, sacerdotes e magistrados. Eles protegiam com torres, muralhas o patrimônio que adquiriam. Em meio a esse turbilhão de construções e fortificações para a grandeza de Jerusalém, surge Miqueias e tenta abrir os olhos dos governantes revelando-lhes a verdade sobre suas mansões e muralhas fortificadas. Miqueias pergunta a que preço tudo isso está sendo construído, porém ele mesmo responde a essa indagação: “a preço da injustiça”.

Quando um país é regido por magistrados corruptos, desonestos, toda a população sofre. Para os autores, “quando os juízes são justos, isto é, quando eles procuram acima de tudo aplicar a lei com humanidade, o regime é aceitável”. Com certeza haverá aqueles influenciáveis pelas situações diversas, mas, quando se decide agir com verdade e consciência, sem se vender, a “dignidade humana” será respeitada e valorizada.

Formas de opressão

A violência institucionalizada

O texto de Miqueias 3.9-12 retrata, de forma clara, os denunciados por toda violência contra o povo e classifica os crimes que cada grupo cometeu:

Chefes e governantes	Sacerdotes	Profetas
Crimes: corrupção, suborno, distorção da justiça.	Crimes: ensinar por dinheiro, quebra das leis, suborno.	Crimes: mercenários, injustos, não cumprem sua vocação.

Zabatiero²² afirma:

a dimensão política destas acusações fica bastante evidente na síntese que Miqueias faz dos crimes das lideranças judaítas. Como resultado de suas ações, “constroem Sião com sangue e Jerusalém com perversidade”. Os termos “sangue” (é usado o plural no hebraico) e “perversidade” denotam, aqui, a violência cometida contra as pessoas, a ponto de lhes causar a morte (comp. Gn 4; Sl 5,7; 2Sm 3,34; Hab 2,12). O verbo “construir” pode ter sido usado metaforicamente, mas não é improvável que seja uma alusão aos projetos de Ezequias: reforçando as defesas da cidade, construindo um túnel para garantir a provisão de água, além de fortificar várias cidades do interior (ver 2 Rs 20,20; 2Cr 32,27-30).

²⁰ LOPES, 2010, p. 77.

²¹ MAILLOT & LELIÈVRE, 1980, p. 80.

²² ZABATIERO, 1996, p. 79-80.

Podemos observar através dos textos de Miqueias que suas denúncias e críticas são dirigidas àqueles que usam diversas práticas que “afetam o direito e a justiça nas mais variadas esferas das relações sociais”. Segundo Leandro²³, são diversos focos que causam a desgraça para a vida do povo:

O sistema de crédito que desapropria devedores, comércio com ganhos ilícitos, construção civil e de obras públicas manchadas de sangue, excessos nas festas dos governantes, entre tantos desmandos (cf. Mq 2,12-15). Todavia, o profeta alimenta a esperança de que a história não acabou para o povo deserdado de Jerusalém, principalmente para aqueles que são do interior. A palavra de Javé é que dará uma nova consciência para enxergar a realidade com outros olhos (cf. Mq 2,1-5a). Ele fará o enterro simbólico dos causadores da desgraça do povo (cf. Mq 2,6b, 9, 12,15). Neste panorama, o profeta atua de uma forma global em suas críticas diante da violência contra o povo nos aspectos financeiros, imobiliários e políticos da cidade de Jerusalém.

A violência que permeia a cidade de Jerusalém na época de Miqueias é motivo de preocupação para o profeta. No oráculo de Mq 3.9-11, o profeta denuncia os sentimentos das autoridades, ou seja, estavam detestando a justiça, torcendo o direito. Para Miqueias, seus interesses giravam em torno de Sião-Jerusalém. A intenção era clara, queriam melhorar a capital, torná-la um grande espetáculo. Miqueias, por estar fora da cidade, longe de seus grandes edifícios, condena e não acredita nos seus tribunais, não deseja a paz da cidade, pois todo o progresso estava sendo construído à base de injustiças, com o sangue do pobre inocente.

Sicre²⁴ afirma que o diagnóstico que tanto Miqueias como Ezequiel fazem com respeito à violência é uma: “para enriquecer-se”. “O mal radica no coração do homem. Embora as estruturas sociais estejam corrompidas e se tenham tornado opressoras, há também algo de muito grave, por baixo das estruturas: a corrupção do coração, que abandonou a Deus para servir ao dinheiro.” Vejamos alguns dos problemas concretos denunciados pelos profetas:

A corrupção na administração da justiça

Em Miqueias 3.1-4, encontramos as autoridades sendo denunciadas pela má administração da justiça. Cabia a eles o dever de exercer a justiça nos tribunais e defender o povo sofredor. Tais autoridades, ao agirem com indiferença diante da lei estabelecida de defesa dos oprimidos, tinham somente um pensamento: excluir os fracos da comunidade jurídica; roubar aos pobres toda a reivindicação justa; escravizar as viúvas; apropriar-se dos bens do órfão. Segundo Sicre²⁵, “a classe alta quer criar o

²³ LEANDRO, José Carlos. O profeta Miqueias: “o social é a minha causa”. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 95, p. 23-34, jul./set. 2007. p. 28.

²⁴ SICRE, 2008, p. 369.

²⁵ SICRE, 2008, p. 370.

fundamento jurídico que legalize a expansão do seu capital. Temos aí a manifestação mais descarada do poder legislativo a serviço dos poderosos”.

Na perspectiva profética, é um dos setores que menos funcionava. A denúncia de suborno, a falta de interesse pelas causas dos pobres, mesmo estando do lado da lei, não era usada para benefício dos oprimidos. Isaías 10.1-4 é um claro exemplo da exploração feita por essas autoridades.

A realidade vivida pelos oprimidos era contrária aos preceitos bíblicos. O que as autoridades deveriam fazer em favor dos mesmos era negado. A justiça era negada aos oprimidos e seus direitos não tinham a importância devida, as autoridades que deveriam implantar a justiça eram os primeiros a negligenciar.

Comércio explorador

O sistema do comércio que estava em ascensão na época dos profetas do oitavo século era um sistema que beneficiava somente a elite e os fortes nos antigos Israel e Judá (Am 6.1-3; 8.4-7; Mq 2.1-3 etc.). Um sistema que trouxe a desigualdade em todos os aspectos da vida do povo. As palavras dos profetas ecoavam as dores oprimidas do povo, que era privado de seus direitos. Segundo Reimer²⁶:

os profetas tomam a ótica dos corpos “ralados”. Falam de “pobres” usando termos (hebraicos) distintos: ani/“oprimidos”, dallin/“magros”, ebyin/“pobres”. Estes tipos de pobres também são chamados de “justos” (hebraico: saddiq – cf. Am 2,6). As viúvas e os órfãos recebem vez e voz nas palavras proféticas (Is 10,1-2). No seu todo, trata-se de pessoas que ainda têm a sua terra, mas estão em franco processo de endividamento e empobrecimento. O seu quinhão familiar e comunitário está prestes a ser “sacrificado” em prol de um processo maior. Os profetas bíblicos reagem contra as “leis do mercado”, que são leis dos mais fortes. A perspectiva dos profetas é a dos mais fracos e empobrecidos.

Nos relatos de Reimer, a partir do século VIII começam novas relações sociais de produção, isto é: “Uma incipiente economia monetária e a prática de contratos de dívidas aceleram um processo de empobrecimento”. Reimer esclarece²⁷:

esse processo é denunciado nas palavras dos profetas radicais do século VIII aC. O eco de suas palavras denunciadoras, a reiterada exigência por justiça e direito (cf. Am 5,24), e o anúncio de um juízo divino, parcialmente concretizado na destruição de Samaria, devem ter mobilizado a sociedade a empreender um processo de reformas sociais em Judá no intento de salvaguardar este resto do povo ante a ameaça do juízo divino. O produto desse intento de reforma identificamos no Código da Aliança, que pode ter servido como uma espécie de “pequena constituição” do povo de Israel. Assim, o processo do “mercado” e suas “leis” receberam um freio, pelo menos na sua intenção,

²⁶ REIMER, Haroldo. Leis de mercado e direito dos pobres na Bíblia Hebraica. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, n. 69, p. 9-18, jan./mar. 2001. p. 13-14.

²⁷ REIMER, 2001, p. 18.

através uma legislação social, que, como expressão de uma sociedade dividida, acaba resguardando vantagens para ambos os lados. Sobretudo em um dos blocos do Código da Aliança há várias leis que poderíamos chamar de “direito dos pobres”.

De acordo com Maillot e Lelièvre²⁸, o texto de Miqueias 6.9-11 relata a aversão de Miqueias pelas cidades. As mesmas tinham se tornado lugares de injustiças, o pecado estava impregnado nas ruas. Havia em Jerusalém muitas famílias, fortunas, riquezas, que eram sustentadas por crime e exploração. Segundo os autores: “Miqueias explica então como tais pessoas se enriqueceram: fraudando medidas (efas) e os pesos”.

Zabatiero²⁹, por sua vez, informa que o profeta Miqueias, ao apontar no v. 10 a “casa do ímpio”, está se referindo à família, escravos e bens de uma pessoa. Pode ser usado também para se referir a “pecadores”, “pessoas impuras”, “malvados” etc. Segundo o autor, o contexto dessa perícopa e outras referências em Isaías (3.11; 11.4; 14.5) e Jeremias (5.26; 12.1) indica que o ímpio aqui relacionado e denunciado é aquele que acumula riquezas, bens, aproveitando-se dos tribunais corruptos, do comércio explorador, de fraudes. Como existe a corrupção no governo, esses ímpios contam com o respaldo dos mesmos para acumular bens indevidamente.

Latifundiário

De acordo com Balancin e Storniolo³⁰, os métodos que eram utilizados pelos latifundiários eram os mais variados: o despojo daqueles que mal sobrevivem; nas palavras do autor, eles não se satisfaziam em arrancar o paletó, mas também tiravam a camisa; o camponês era considerado como inimigo, pois o mesmo atrapalhava a sede de expansão dos latifundiários; não respeitavam suas mulheres nem suas crianças, arrancavam-nas de suas casas sem piedade alguma e conduziam-nas para a escravidão; cobravam juros exorbitantes, que faziam com que os camponeses se endividassem a ponto de entregar suas propriedades para pagamento de suas dívidas.

Os ricos agiam como inimigos de Deus e do seu povo e resistiam às palavras do profeta. Eles andavam de mãos dadas com os poderes constituídos e, juntos, apropriavam-se dos bens do povo. A cobiça era tão grande, que os mesmos tiravam, sem dó nem piedade, as terras dos camponeses para enriquecerem e, com isso, escravizavam o povo que a cada dia ia se endividando mais e ficando cada vez mais sem forças para lutar.

²⁸ MAILLOT & LELIÈVRE, 1980, p. 154.

²⁹ ZABATIERO, 1996, p. 121.

³⁰ BALANCIN, Euclides M.; STORNILO, Ivo. *Como ler o livro de Miquéias*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 20.

Sistema tributário

O conflito existente entre cidade e campo, denunciado pelos profetas, nasce do sistema tributário e de todas as cargas que são impostas ao povo do campo.

Reimer³¹ destaca que a cobrança de tributos é a raiz formadora dos “conflitos dentro da formação do antigo Israel aos períodos ‘cobertos’ pela maioria dos textos da Bíblia Hebraica”. Os serviços que poderiam ser inclusos são os seguintes: trabalho forçado (corveia); recrutamento de jovens para serviços especiais (domésticos ou militares); pagamentos *in natura* a serem realizados pelos camponeses e remetidos à estrutura central ou seus representantes; regiões externas à área de domínio poderiam ser oneradas com tributos, dependendo da capacidade na expansão militar do governante.

Os profetas bíblicos tomam sempre como ponto de partida para suas denúncias e críticas sociais a situação vivida pelo povo, em consequência das transações econômicas que a eles são impostas. O pano de fundo para suas críticas proféticas é sempre o quadro político, econômico e social dentro do sistema tributário.

A ganância dos ricos

Com a dura carga de tributos impostos, o povo camponês cada vez mais foi fazendo empréstimos para liquidar as dívidas. Impossibilitado de saldar suas dívidas, perdeu suas terras para o pagamento das mesmas. No meio dessa situação de perdas de terras do povo, foram surgindo novos ricos dotados de poder político e econômico que se aproveitaram da crise vivida pelo povo e foram ajuntando casas e terras e mais terras e assim acumulando riquezas. Tais acumuladores de riquezas cobiçavam tudo o que era dos outros, do seu próximo, e agiam com violência, saqueando os bens dos pobres, tomando suas casas, destruindo suas famílias ao deixarem despidas de seus lares.

O profeta Miqueias retrata os acumuladores de riquezas como homens insaciáveis que na noite sonhavam com seus negócios lucrativos, planejavam uma forma de obter mais lucros ao por em prática no amanhecer seus planos inescrupulosos.

A literatura profética, e de forma especial o profeta Miqueias, enfatiza de forma categórica que os acumuladores de riquezas são assassinos. Estão com suas mentes direcionadas somente para coisas materiais e para o acúmulo de bens materiais. São homens que cometem violência, oprimem, engranam e trazem consigo a ruína.

³¹ REIMER, Haroldo. Sobre economia no antigo Israel e no espelho de textos da bíblia hebraica. In: REIMER, Ivoni Richter (Org.). *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2006. p. 13.

Considerações finais

A violência não é estranha aos textos bíblicos. Poderíamos até mesmo pensar a opressão e a violência como uma categoria básica da teologia bíblica. No profeta Miqueias a violência se manifesta sob as mais variadas formas e atinge pessoas reais, ou seja, homens e mulheres que têm endereço, família e direito à vida. Mas que, entretanto, lhes são negados. Miqueias tem a capacidade de nos mostrar que a violência e a pobreza dela emanadas não são dados naturais e/ou divinos. Contrariamente, por trás de cada ato de violência está a mão de um sujeito da violência, com suas múltiplas formas de opressão. Entre a violência do violento e a vítima que se arrasta para sobreviver se encontra o profeta com sua palavra denunciadora.

Referências bibliográficas

- BALANCIN, Euclides M.; STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro de Miquéias*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- CASTRO JUNIOR, Vicente D. *Ruína de Sião e Jerusalém em Miqueias 3,9-12*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Teologia Sistemática) – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora de Assunção. 2008. Disponível em: <http://www.teologiaassuncao.br/cursos/2psgr_tologia/stricto_sensu/teses/Teses_alunos2008/Vicente%20de%20Castro%20Junior.pdf>. Acesso em: 30 set. 2012.
- HAHN, Noli Bernardo. Redistribuição de terra: uma utopia do viii século ac. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, n. 49, p. 9-15, jan./mar. 1996.
- LEANDRO, José Carlos. O profeta Miqueias: “o social é a minha causa”. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 95, p. 23-34, jul./set. 2007.
- LOPES, Hernandes Dias. *Miqueias: a justiça e a misericórdia de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2010.
- MAILLOT, A.; LELIÈVRE, A. *Atualidade de Miquéias*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- REIMER, Haroldo. Leis de mercado e direito dos pobres na Bíblia Hebraica. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, n. 69, p. 9-18, jan./mar. 2001.
- _____. Sobre economia no antigo Israel e no espelho de textos da bíblia hebraica. In: REIMER, Ivoni Richter (Org.). *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2006.
- SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SILVA, Airton José da. *A voz necessária: encontro com os profetas do século viii a.c*. São Paulo: Paulus, 1998.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Miqueias: voz dos sem-terra*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1996.